

O IRPAA E A ESCOLA DE FORMAÇÃO PARA CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO: UMA EXPERIÊNCIA EDUCATIVA

Felipe de Sena e Silva¹

Lorena Santiago Simas²

Resumo:

Este relato visa apresentar uma experiência educativa a partir da Escola de Formação para Convivência com o Semiárido realizada pelo Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (Irpaa) que tem como objetivo capacitar agricultores e agricultoras, e ressignificar conhecimentos, formando sujeitos mobilizadores e multiplicadores da ideia da Convivência com o Semiárido. Assim, a Escola de Formação é uma das diversas ações realizadas pelo Irpaa que busca constituir uma prática educativa libertadora, possibilitando o despertar de sujeitos críticos e reflexivos, capazes de pensar sobre sua realidade e transformá-la. Dessa forma, após 27 edições da Escola de Formação do Irpaa, mais de 1.000 pessoas vivenciaram esses processos formativos, e hoje estão ocupando espaços diversos.

Palavras-chave: Irpaa. Convivência com o Semiárido. Escola de Formação.

INTRODUÇÃO

O Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (Irpaa), ao longo dos seus 31 anos vem trabalhando pela disseminação do paradigma da Convivência com o Semiárido, tendo como missão consolidar a Convivência com o Semiárido visando alcançar a plena qualidade de vida, além da construção de uma sociedade igualitária, plural, democrática e solidária, com justiça social. Assim, este relato visa apresentar uma experiência educativa a partir da Escola de Formação para Convivência com o Semiárido realizada pelo Irpaa.

O Irpaa é uma organização não governamental fundada em 17 de abril de 1990, em Juazeiro-BA, por um grupo de animadores sociais, militantes das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), religiosos e técnicos da área agrícola. A fonte inspiradora para o trabalho do

¹ Educador Popular. Colaborador do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (Irpaa) no eixo Educação e Comunicação, com graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Juazeiro, Bahia-Brasil. E-mail: felipe@irpaa.org

² Colaboradora do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (Irpaa) no eixo Educação e Comunicação. Mestra em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Jornalista em Mídias também pela UNEB. Juazeiro, Bahia-Brasil. E-mail: lorena@irpaa.org



Irpaa vem da atuação política da Teologia da Libertação e no exemplo missionário do bispo Dom José Rodrigues (IRPAA, s/d). O Irpaa atualmente tem atuação prioritária no Território de Identidade Sertão do São Francisco³, extremo norte da Bahia, e nos estados de Pernambuco, Sergipe, Alagoas e Piauí, disseminando iniciativas e práticas de Convivência com o Semiárido.

Dois fundamentos base de sustentação da Convivência com o Semiárido são defendidos pelo Irpaa: a) os modelos de produção adotados na região semiárida precisam ser apropriados às realidades e suas particularidades; e b) para além de difundir tecnologias sociais, é importante a construção de uma ideia-força, um imaginário viável da região (IRPAA, s/d).

Partindo desses pontos, desde seu surgimento, o Instituto priorizou o trabalho educativo com as comunidades rurais, com entidades de base, movimentos sociais, agentes educativos, professores e professoras e entidades não governamentais nas esferas municipal, estadual e federal. Ao longo dos anos, o Irpaa passou por diversas mudanças no seu formato institucional, sempre alinhado com os desafios e necessidades do seu tempo presente. Atualmente, a instituição está dividida em três eixos⁴ estruturantes da Convivência com o Semiárido: Clima e Água; Produção Apropriada; e Educação e Comunicação.

O eixo Clima e Água trata questões relacionadas ao clima e à região semiárida, as tecnologias sociais de captação, uso e armazenamento da água de chuva, saneamento rural e mudanças climáticas. O eixo Produção Apropriada destina-se a debater sobre a questão agrária e agrícola na região, povos e comunidades tradicionais, caatinga, economia solidária, além da Assessoria Técnica e Extensão Rural (ATER) das famílias agricultoras. E por fim, o eixo Educação e Comunicação dedica-se a desenvolver iniciativas formativas relacionadas à Educação Popular, Educomunicação e a Comunicação Popular Comunitária (IRPAA, s/d). Todos os eixos, a partir da sua área, disseminam a importância e viabilidade da Convivência com o Semiárido.

ENTRE O COMBATE À SECA E A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO

³ O território de identidade é um loco de Política Estadual de Desenvolvimento Territorial, Lei Estadual nº 13.214, de 29 de dezembro de 2014.

⁴ Na estrutura interna do Irpaa, além dos três eixos estruturantes, existe também o Eixo Administração, com as atribuições voltadas à gerência financeira e administrativa dos projetos desenvolvidos pela instituição e o setor de Recursos Humanos.



Historicamente, a ocupação e colonização da região Nordeste do Brasil, e de maneira especial, o Semiárido, foi marcada por duas características: a incompreensão e o descaso. Diferente de outras regiões do país, as particularidades edafoclimáticas e botânicas da região semiárida, só começaram a ser estudadas cientificamente no final do século XIX e início do século XX, motivada, especialmente, pelo fato de milhões de mortes causadas durante os períodos de estiagem, popularmente chamada de “seca”.

“A estiagem nada mais é que é um evento/fenômeno climatológico caracterizado pela ausência, escassez, frequência reduzida, quantidade limitada e má distribuição das precipitações pluviométricas durante as estações chuvosas” (SANTOS; NASCIMENTO, 2019, p. 5), e que precisa ser compreendida para que possa ter seus efeitos mitigados.

De acordo com Andrade (1984), o povoamento da bacia do São Francisco se procedeu no início da colonização, quando os portugueses, colonizadores, passaram a penetrar na área por ela banhada, na procura de minérios, de índios para escravizar e de campos de criação de gado. Durante os séculos XVI, XVII e XVIII, a região semiárida estava voltada, exclusivamente, para atender aos interesses coloniais.

Com a constituição da República, o Nordeste e o Semiárido passaram a fazer parte da pauta política do Estado, no entanto, com sérias limitações, pois as ações implementadas ao longo das décadas privilegiavam somente as oligarquias locais, que utilizavam-se das particularidades climáticas como estratégia de dominação. A indústria da seca, como ficou conhecida historicamente, só beneficiou uma elite agrária, que concentrou em suas mãos água, terra e poder.

Já no final do século XX, entre os anos 80 e 90, em contraposição ao modelo desenvolvimentista advindo da modernização conservadora e os impactos causados pela adoção delas, como o êxodo rural, a degradação da natureza, o crescimento da pobreza, entre outras, as organizações da sociedade civil, a partir da disseminação de suas iniciativas educativas, fizeram e fazem enfrentamento às consequências negativas vividas pelas populações, principalmente as camponesas do Semiárido. Segundo Conti (2013)

A partir da década de 1990 em várias organizações e movimentos sociais como atores que incidem substancialmente na alteração das condições estruturais do semiárido brasileiro, algum deles já vinham de um longo período de resistência popular e outros surgiram nesse período, passam a propor ao estado brasileiro um conjunto de processo de ações proativas na busca de soluções que valorizem o bioma caatinga com suas

potencialidades e apontem para as múltiplas alternativas de convivência com o semiárido em suas diversas dimensões (CONTI, 2013, p. 20).

A construção da Ideia-Força da Convivência com o Semiárido é fruto deste longo “(...) trabalho de “identidade de resistência” e tem como protagonistas um conjunto de “novos” atores sociais oriundos das organizações da sociedade civil (ONG’s, igrejas, movimento sindical, etc.) que buscam construir uma nova prática política na região” (DINIZ; PIRAUX, 2011, p. 230).

Para o Irpaa e “(...) para a sociedade civil, o desafio é obter a ampliação da cidadania, a inclusão de grupos excluídos, enfim criar referências para um modelo diferente de planejar, elaborar e executar políticas públicas” (DINIZ; PIRAUX, 2011, p. 228), e que as mesmas sejam apropriadas – pensadas e elaboradas atentando-se às particularidades e potencialidades - à região semiárida.

Uma vez que, a Convivência com o Semiárido coloca a necessidade de uma nova abordagem, de caráter multidisciplinar, e com o “(...) objetivo de desenvolver formas sustentáveis que potencializem as condições e recursos naturais, fortaleçam os valores culturais, e contemplem as questões de gênero e geração a partir das realidades específicas da região” (CONTI, 2013, p. 20).

A ESCOLA DE FORMAÇÃO DE CONVIVÊNCIA COM SEMIÁRIDO⁵

A Escola de Lavradores, como inicialmente foi batizada, é uma experiência educativa desenvolvida pelo Irpaa com o objetivo de “(...) capacitar os agricultores, repassar e ressignificar conhecimentos, constituindo um grupo mobilizador e multiplicador da ideia da Convivência com o Semiárido” (IRPAA, 2010, p. 24), compreendendo esse espaço como fundamental para o fortalecimento da luta social e política no Semiárido brasileiro.

O processo formativo na escola é realizado no Centro de Formação Dom José Rodrigues, na zona rural de Juazeiro, com média de duração de 12 a 15 dias seguidos, onde os/as participantes vivenciam experiências teóricas e práticas “(...) que levam o sujeito social a se transformar e se reeducar como ser humano” (AQUINO, 2015, p. 145). Essa base filosófica,

⁵ Para facilitar a leitura vamos utilizar o termo Escola de Formação (EF), como forma de relacionar o processo educativo desenvolvido pelo Irpaa ao longo destes anos.

do Aprender – Fazendo, é parte do processo de conscientização dos/as participantes da Escola de Formação (EF).

A EF está dividida em dois momentos históricos, sendo o primeiro datado do início do trabalho do Irpaa e seguindo até metade dos anos 2000, quando os participantes em sua grande maioria eram homens e com uma faixa etária entre 35 e 60 anos. Em 2005, o Instituto, a partir de reflexões internas, identificou que era necessário, por conta dos novos desafios históricos colocados para o Semiárido, mudar o sujeito protagonista da ação educativa, optando daquele ano em diante, por atuar junto às juventudes.

O processo de participação das pessoas para as EFs se faz pelo diálogo e articulação que o Irpaa vem construindo ao longo dos anos com as organizações sociais populares de todo o Semiárido brasileiro. Para selecionar as pessoas que vão participar da EF são enviadas cartas convite para as entidades parceiras, e elas tem como responsabilidade identificar e selecionar o/a participante. Cada participante tem como compromisso político voltar para suas comunidades e colocar em prática o que foi aprendido durante a escola.

Desde o início, a Escola de Formação organizou-se a partir de Tempos Educativos na compreensão de que é necessário “(...) ir além da capacitação e formar pessoas que reflitam, construam e difundam informações a partir de novos conhecimentos” (IRPAA, 2010, p. 24). A organização pedagógica da EF se propõe a associar a teoria e a prática como forma de dar sentido à existência humana. Os Tempos Educativos estão divididos e articulados entre os momentos de estudo, de trabalho, de lazer e de autogestão (Quadro 1).

Quadro 1: Quadro com a programação geral da EF.

Horário	Atividades
6h - 7h	Oficinas
7h - 8h	Café da Manhã
8h - 12h	Estudo
12h - 14h	Auto organização
14h - 17:30h	Estudo
17:30 - 19:30h	Auto organização
19:30h - 20:30h	Estudo
20:30 - 22h	Lazer

Fonte: Elaborado pelos autores.

Ao longo dos anos, o Irpaa teve como parte de sua estratégia de atuação, a sistematização das informações basilares para a compreensão das múltiplas realidades que configuram a região



semiárida. As cartilhas “A busca da Água no Sertão”; “Cabras e Ovelhas: a criação do sertão” e “A Roça no Semiárido” são os materiais básicos utilizados no processo formativo realizado durante as escolas de formação. Ao chegarem para a formação todos/as os/as participantes recebem um kit com as cartilhas, folders e outros materiais de suporte para o aprofundamento teórico acerca da Convivência com o Semiárido.

Os momentos educativos voltados para o estudo (Quadro 2) são assessorados pela equipe técnica do Irpaa, que conta com: técnicos agropecuários, agrônomos, biólogos, zootecnistas, jornalistas, pedagogos, e que no seu papel político como “(...) mediadores do processo de formação, posicionavam-se como pessoas dialógicas, problematizadoras e éticas que estabelecem com os participantes uma relação de respeito, solidariedade, reciprocidade, independência, cumplicidade e amorosidade, sem “pieguismos” (AQUINO, 2015, p. 144).

Quadro 2- Eixos de trabalho do Irpaa.

EIXOS DE TRABALHO	TEMAS DEBATIDOS
Clima e Água	Tecnologias de captação, uso e armazenamento de água de chuva; Segurança hídrica no Semiárido; Cinco linhas de água; Mudanças climáticas; Saneamento rural.
Terra	História da luta pela terra; Povos e comunidades tradicionais; Questão agrária.
Produção	Vida no solo; Cabras e ovelhas; Roça no Semiárido; Beneficiamento e comercialização.
Educação	História da Educação; Políticas educacionais; Educação para a Convivência com o Semiárido.
Comunicação	Comunicação popular; Educomunicação; Comunicação para a Convivência com o Semiárido; Redes sociais e desinformação.

Fonte: elaborado pelos autores.

A metodologia de trabalho utilizada nas formações baseia-se na ótica freiriana, onde “(...) educar é um ato dialogizador permanente, através do, na práxis do ensino, educador e educando constroem e problematizam” (SILVA, 2011, p. 358) a realidade, e pensam alternativas de superação dos desafios colocados.

Portanto, os resultados esperados pelo Irpaa através do processo de formação para a Convivência com o Semiárido vão além da aquisição de novos conhecimentos por parte dos envolvidos no processo, pois se intenta também a ampliação e multiplicação dos novos paradigmas e saberes aprendidos para uma coletividade definida. Nesse processo, os homens e mulheres do campo se constituem como principais sujeitos do movimento pedagógico da formação para a Convivência com o Semiárido. As ações desenvolvidas revelam uma profunda

fé na pessoa humana e esperança na capacidade mobilizadora que torna possível a construção de uma sociedade justa e igualitária.

Já no início da EF são feitos acordos coletivos para a dinamização e co-responsabilização do trabalho desenvolvido ao longo dos dias. De acordo com Aquino (2015)

Cada uma das pequenas coisas que acontecem no dia-a-dia do espaço da escola passa a ter outro sentido, não porque sejam coisas que nela nunca antes aconteciam (em alguns casos também isto), mas porque olhadas e feitas com uma outra intencionalidade. Importante atentar-se ainda que o tempo e o espaço mantêm-se em constante movimento, porque ocorrem em processo de transformação coletiva (AQUINO, 2015, p. 145).

Durante a realização da EF são divididas equipes, grupos organizados pela diversidade de atuações e idades, na perspectiva de possibilitar o intercâmbio de experiências e que ao longo da escola participam nos períodos da manhã (entre 6h e 7h da manhã) das atividades de hidroestesia, aprisco, ração, composto, canteiro econômico e viveiro de mudas. Esse momento matinal tem como objetivo debater/apresentar aspectos técnicos, associando-os com a prática que já parte do cotidiano de muitos participantes, colaborando assim, com o desenvolvimento das suas atividades diárias.

Isso fica perceptível na fala do participante DA⁶, 35 anos, que vivenciou a EF nos anos de 2008 e 2009.

Consigo até hoje aplicar os conhecimentos da EF, são conhecimentos super válidos que servem de incentivo para que as pessoas busquem aprofundar sobre diversas temáticas: o manejo do solo, a criação de pequenos animais, o beneficiamento de produtos da agricultura familiar. Ainda consigo aplicar na minha realidade (PARTICIPANTE DA, 2021, informação verbal).

É interessante destacar ainda que DA, afirma que a sua participação na EF mudou completamente a sua vida.

Depois da escola de formação eu mudei de território, e fui viver no Semiárido, (na época vivia na cidade de Valença-BA), por lá passei quase 10 anos. Essa experiência me ajudou a entrar na universidade, a UNEB em Juazeiro, e me ajudou a me profissionalizar. Eu, agora agrônomo, escolhi uma área e foi a agricultura familiar, a Convivência com o Semiárido e a Agroecologia (PARTICIPANTE DA, 2021, informação verbal).

Com o depoimento de DA, percebemos a potência da EF como agente transformador das realidades dos participantes.

⁶ Optamos por colocar siglas no nome dos participantes para preservar sua identidade.



Também é preciso destacar que durante toda a EF os/as participantes (e suas equipes) são convidados a envolverem-se diretamente nas tarefas coletivas: lavar seus próprios pratos e panelas das refeições, limpeza dos espaços coletivos de convivência, além da auto-organização dos dormitórios. Essa divisão social do trabalho durante os dias de escola são imprescindíveis, pois como afirma Pistrak (2011), esse é um elemento de importância social e sócio pedagógico destinado a unificar em torno de si todo o processo de educação e de formação.

Ao longo dos dias, as equipes formadas também criam sua própria identidade de grupo, tendo como fonte de inspiração as lutas e símbolos de resistência dos povos do Semiárido. Essas equipes também são responsáveis por realizar todas as manhãs, um registro do dia anterior (revezando-se ao longo dos dias), resgatando questões e debates que nortearam a atividade; essas equipes têm a liberdade de realizar o repasse utilizando-se da linguagem que desejarem.

Essa interação entre os jovens de diferentes territórios possibilita um intercâmbio de ideias e experiências. Nesse sentido, a participante AF⁷, 28 anos, que vivenciou a EF no ano de 2015, relata que a experiência foi marcante devido ao alto nível dos debates vivenciados, os temas debatidos, além das trocas com vários jovens de outros territórios do Semiárido.

AF afirma que após a participação na Escola de Formação muita coisa mudou. “Mudou a minha percepção, por ver outros jovens e movimentos incentivando a resistência quanto à questão da Convivência com o Semiárido que interferiu de diversas formas na vida dos jovens que participaram daquela formação, e a minha também” (PARTICIPANTE AF, 2021, informação verbal).

Além das discussões e dos momentos de formação teórica sobre os eixos de trabalho, também são realizadas atividades integradoras (oficinas), de caráter técnico/prático. Ao longo das edições das escolas já foram realizadas oficinas de teatro, grafite, fotografia, vídeo etc., na perspectiva de contribuir com mais elementos que possibilitassem a atuação política dos participantes.

Na programação também estão previstos momentos de visitas técnicas, com o objetivo dos/as participantes vivenciarem experiências exitosas de Convivência com o Semiárido, como a visita à Cooperativa Agropecuária Familiar de Canudos, Uauá e Curaçá (Coopercuc). Além disso, está dentro do roteiro a barragem hidrelétrica de Sobradinho, a Escola Família Agrícola

⁷ Optamos por colocar siglas no nome dos participantes para preservar sua identidade.

de Sobradinho e a área experimental da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA).

Todas as manhãs durante os dias da escola são realizadas místicas, momentos em que os/as participantes são convidados/as a fazer uma reflexão sobre determinado tema com o intuito de cultivar valores político/ideológicos e humanos necessários para uma atuação política comprometida com a classe trabalhadora.

Ao final de todas as EF são realizados momentos de avaliação buscando identificar quais foram os aspectos satisfatórios, quais não cumpriram os objetivos e apontar sugestões para as próximas edições.

CONSIDERAÇÕES

Ao longo destes anos contribuindo para a disseminação da Convivência com o Semiárido, o Irpaa está sempre comprometido com um projeto de sociedade onde os povos da região são os protagonistas e construtores de suas próprias histórias. Assim, a instituição dedica-se à efetivação das políticas públicas e à defesa dos direitos sociais.

A Escola de Formação é apenas uma das diversas ações realizadas pelo Irpaa que busca constituir uma prática educativa libertadora, possibilitando o despertar de sujeitos críticos e reflexivos, capazes de pensar sobre sua realidade e transformá-la. Dessa forma, após 27 edições da Escola de Formação, mais de 1.000 pessoas vivenciaram esses processos formativos, pessoas que hoje estão ocupando espaços políticos estratégicos em suas comunidades e organizações, ou desempenhando funções públicas.

As EF continuarão sendo uma ação institucional do Irpaa na perspectiva de continuar disseminando nos vários estados que fazem parte do Semiárido, as bases para a construção da Convivência com o Semiárido, além de continuar difundindo as experiências exitosas relacionadas que tem tornado a vida do povo da região mais sustentável e feliz.

Referências

ANDRADE, M. C. de. **Poder Político e produção do espaço** – Recife: Fundação Joaquim Nabuco – editora Massagana, 1984.

AQUINO, M. R. de. **Educação para a convivência com o semiárido e direitos humanos: práticas educativas do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada – Irpaa**, em Juazeiro-BA. Salvador, 2015.

BATISTA, M. de S. X. **Movimentos sociais, estado e políticas públicas de educação do campo: pesquisas e práticas educativas**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2021.

CONTI, I. L.; SCHROEDER, E. O. **Estratégias de convivência com o semiárido brasileiro: textos e artigos de alunos(as) participantes**. Fundação de Apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FAURGS / REDEgenteSAN / Instituto Brasileiro de Desenvolvimento e Sustentabilidade – IABS/ Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento – AECID / Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome MDS / Editora IABS, Brasília - DF, Brasil, 2013.

DINIZ, P. C. O; PIRAUX, M. **Caderno de BATISTA, M. de S. X. Estudos Sociais – Recife**. v. 26, n° 2, p. 227 – 238, jul./dez., 2011.

IRPAA. Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada. **Apresentação**. Disponível em: <https://irpaa.org/modulo/portugues>. Acesso em: 7 mai. 2021.

PISTRAK, Moisey Mikhaylovich. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. Tradução de Daniel Aarão Reis Filho – 3. ed. São Paulo: Expressão Popular.